

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**A Economia da Austrália e suas Relações
Comerciais com o Brasil**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Autor: Nathan Sassi Meneguzzi

Orientador: Prof. Luiz Faria

Porto Alegre
NOVEMBRO/ 2009

A Economia da Austrália e suas Relações Comerciais com o Brasil

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como parte das
atividades para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas
pela Faculdade de Ciências
Econômicas da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Faria

Porto Alegre
NOVEMBRO/ 2009

“Dedico esta minha conquista aos meus pais, Natalício João Meneguzzi e Rejane Maria Sassi Meneguzzi, grandes incentivadores dos meus estudos e exemplos para toda a vida”.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Natalício e Rejane, pela educação que me deram, pela formação que me proporcionaram e pelo apoio irrestrito em todos os momentos de minha vida.

À minha irmã, Samanta, pela eterna amizade e pela ajuda na realização deste trabalho.

Ao meu professor e orientador, Luiz Faria, pelas orientações em todos os momentos solicitados.

Ao amigo, Luiz Fernando, pelo incentivo e pelas valorosas sugestões durante o projeto deste trabalho.

A todos que, de alguma maneira ajudaram ou torceram pelo meu êxito nesta jornada.

RESUMO

O Brasil é o parceiro diplomático mais antigo e maior parceiro comercial da Austrália na América do Sul. No entanto, o nível de comércio bilateral mantém-se relativamente baixo. O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama geral da Austrália, englobando os aspectos históricos, geográficos, políticos e econômicos tendo como foco a análise de suas exportações, importações e relações comerciais com o Brasil. Para isso, são apresentadas estatísticas do comércio exterior dos dois países onde fica evidenciado o baixo volume comercial. Como principal fator do reduzido intercâmbio, a questão do transporte e logística deve ser tratada com maior empenho por parte do empresariado e do governo brasileiro.

Palavras-chave: Comércio internacional, intercâmbio comercial, economia da Austrália, Balança comercial.

ABSTRACT

Brazil is the oldest diplomatic partner and the biggest commercial partner of Australia in South America. However, the bilateral commercial level is relatively small. The aim of this paper is to present a general outlook of Australia, encompassing historical, geographic, political and economic aspects taking the exports, imports and commercial relations with Brazil as focus. To obtain that gold, foreign trade statistics of both countries are presented, which shows the restricted commercial volume. As main reason of the reduced trade, the transport and logistics issue should be looked at with more commitment by Brazilian entrepreneurs and government.

Key-words: International trade, commercial trade, Australian economy, trade balance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	HISTÓRIA E PANORAMA DA AUSTRÁLIA.....	4
	2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS.....	4
	2.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO.....	7
	2.3 ORGANIZAÇÕES E ACORDOS COMERCIAIS.....	9
3	A ECONOMIA DA AUSTRÁLIA.....	14
	3.1 POLÍTICA EXTERNA.....	18
	3.2 COMÉRCIO INTERNACIONAL.....	20
4	AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E AUSTRÁLIA.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
	4.1 EXPORTAÇÕES.....	28
	4.2 IMPORTAÇÕES.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO..31
	4.3 INVESTIMENTOS BILATERAIS.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A Austrália é um país estável, diversificado culturalmente e democrático com uma mão de obra especializada e uma economia competitiva. Com uma população de mais de 21 milhões de habitantes, a Austrália é a única nação que governa um continente inteiro, sendo o sexto maior país do mundo em área terrestre (ATLAS MUNDIAL, 2007).

A Austrália é uma nação independente e voltada para o exterior com uma economia sólida. Num ambiente internacional dinâmico e competitivo, a Austrália utiliza estratégias bilaterais, regionais e multilaterais para atingir os objetivos de interesse nacional (AUSTRALIAN GOVERNMENT, 2007¹).

Há vários anos, as bases da economia australiana têm sido a agricultura, a mineração, os recursos energéticos e a manufatura. Entretanto, recentemente, a oferta de serviços, tais como o turismo, as empresas financeiras e o comércio têm adquirido importância na economia do país.

Com uma política externa atuante, especialmente no que diz respeito a assuntos econômicos e comerciais, a Austrália preside o Grupo de Cairns (*Cairns Group*) que reúne países com interesse especial no comércio de produtos primários, do qual o Brasil também faz parte (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002).

¹ Australian Government. **Life in Australia**. Department of Immigration and Citizenship, 2007. Acessado em: 14/11/2009. Disponível em: <http://www.immi.gov.au>

A Austrália é membro, entre outros, da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização Mundial do Comércio (OMC). Segundo estudo da OCDE², a Austrália está entre as seis novas economias que crescem em ritmo mais elevado. A Austrália é bem desenvolvida no setor de tecnologia de informação com destaque para infra-estrutura e inovação. Os investimentos em tecnologia de informação como percentual do PIB ocupam a terceira posição entre os países da OCDE.

O objetivo geral que se pretende alcançar com este estudo, então, é apresentar um panorama geral da Austrália, englobando os aspectos históricos, geográficos, políticos e econômicos tendo como foco a análise de suas exportações, importações e relações comerciais com o Brasil. Devido ao fato de a economia australiana ter grande dependência de seu comércio exterior e de seu desenvolvimento estar vinculado à produção competitiva e ao acesso ao mercado internacional, a análise das exportações e importações assumem papel de extrema relevância.

Parte-se da hipótese inicial de que a distância relativamente grande que deve ser coberta para o transporte de mercadorias é o fator determinante para o nível reduzido de comércio entre os dois países. Não obstante, existe potencial para que o volume atual de comércio entre Austrália e Brasil seja intensificado, tendo em vista o bom relacionamento político e econômico entre os dois países.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte é feito um apanhado histórico sobre o surgimento da Austrália, bem como uma apresentação dos principais dados gerais do país, como população, localização, superfície e participação em organizações e acordos internacionais.

A segunda parte se preocupará em apresentar a economia da Austrália como um todo, evidenciando os principais setores da economia e suas participações na composição do PIB australiano. Nesta parte também será abordado os objetivos e os campos de atuação da política externa

² OECD. **Economic Survey of Australia – 2004**. Disponível em: <http://www.oecd.org>.

australiana, assim como será feita uma breve análise do comércio internacional australiano para as Américas.

Nesse contexto, a terceira parte concentrará nas relações comerciais bilaterais entre Brasil e Austrália, tendo como base dados relativos ao comércio internacional, entre eles, as exportações e as importações entre os dois países, e por fim, são apresentados os principais investimentos de companhias brasileiras na Austrália e das empresas australianas no Brasil.

2 HISTÓRIA E PANORAMA GERAL DA AUSTRÁLIA

“Generally most europeans arrived in Australia as young, single men seeking work and their fortune in the rapidly expanding colonies, especially in the gold rush era of the 1850s and the boom of the 1880s. Some were seamen who had deserted their ships.”

Kate Walsh³

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Antes da chegada dos colonizadores europeus, a Austrália era habitada por aborígenes os quais se comunicavam através de inúmeros dialetos e tinham suas culturas e modos de vida de acordo com a região que habitavam. A população aborígene na época da colonização europeia era estimada em 315 mil, com o passar dos anos esse número reduziu bruscamente devido ao aumento da mortalidade e redução da fertilidade. Em 1930 a população aborígene representava cerca de 20% do número à época da colonização.

De acordo com Lowe (2000), o primeiro registro de contato europeu na Austrália ocorreu em março de 1606, quando o explorador holandês Willem Janszoon atracou no Cabo York, em Queensland. Nos dois séculos

³ Kate Walsh em sua obra “The changing face of Australia: a century of immigration 1901-2000”, p.20.

seguintes, exploradores europeus continuaram a atracar seus navios na costa da Austrália, na época conhecida como “*New Holland*”. Assim, em 1770, o inglês James Cook realizou uma viagem científica para a costa oeste australiana com o objetivo de agregar mais um território para a Coroa Inglesa.

Ainda de acordo com Lowe, a Inglaterra transformou a Austrália numa colônia penitenciária onde foram trazidas pessoas condenadas pela Corte Inglesa por quase 80 anos. O primeiro navio, carregando aproximadamente 1500 pessoas, metade desses eram condenados, atracou no porto de Sydney em 26 de janeiro de 1788. A partir desta data é comemorado o “*Australia day*”. Cerca de 160 mil homens e mulheres foram trazidos pra Austrália como penitenciários entre 1788 e 1868.

“A maioria dos condenados trazidos para Austrália eram ladrões nas grandes cidades da Inglaterra, apenas os sentenciados na Irlanda eram condenados por crimes rurais. O transporte era parte integral dos sistemas de punição da Inglaterra e Irlanda. Era uma maneira de lidar com o aumento da pobreza e com severidade nas sentenças de furto.” (WALSH, 2001)

Os primeiros imigrantes a se juntarem com os condenados apareceram por volta de 1790. O aparecimento da indústria da lã e a corrida pelo ouro em 1850 foram os propulsores para o crescimento do número de imigrantes com destino a Austrália. A escassez de mão de obra, vastas áreas para plantio e uma economia baseada na agricultura, na mineração e no comércio fizeram da Austrália uma terra de oportunidades. Durante esse período muitos Aborígenes sofreram com as doenças trazidas pelos imigrantes, o deslocamento e a perda de posse das terras rompendo com as práticas e tradições deste povo.

Segundo o Departamento de relações exteriores e comércio, a “*Commonwealth of Australia*”, entende-se por Comunidade da Austrália, foi formada em 1901 através da unificação de seis estados perante uma constituição. A população não-aborígene, em sua maioria descendentes de ingleses, escoceses e irlandeses era estimada em 3,8 milhões de habitantes,

durante a época da federação, enquanto a população aborígine representava 93 mil. No período compreendido entre 1900 e 1914, houve grande esforço em desenvolver a agricultura e a capacidade de produção industrial, assim como na criação de instituições sociais e governamentais.

Para Macintyre (2004), a primeira guerra mundial teve um efeito devastador na Austrália. Em 1914 a população masculina era inferior a 3 milhões, sendo desses 400 mil foram enviados para a guerra. Cerca de 60 mil entregaram suas vidas aos campos de batalha e muitos outros se feriram. O período entre guerras foi marcado pela instabilidade social e econômica, onde muitas instituições financeiras faliram. Durante a segunda guerra mundial, as forças australianas tiveram importante participação na vitória dos aliados na Europa, Ásia e Pacífico.

Após 1945, a Austrália passou por um boom populacional. Centenas de milhares de refugiados e imigrantes chegaram durante o período do pós-guerra. O número de australianos empregados nas indústrias manufatureiras havia crescido com vigor desde o início do século. A economia desenvolveu-se fortemente nos anos 50 com grandes projetos nacionais, entre eles a construção de uma usina hidrelétrica no sudeste australiano e a expansão dos programas de seguridade social do governo (Macintyre, 2004).

A década de 60 foi um período de muitas mudanças. A diversidade étnica produzida pelo efeito migratório durante o pós-guerra contribuiu para uma atmosfera de mudanças políticas, econômicas e sociais. Brigas políticas entre “*Liberal-National Coalition*”, uma espécie de partido liberal do governo, e “*Labour Party*”, o partido dos trabalhadores, marcaram as décadas seguintes.

Em 1996, John Howard filiado ao Partido do Governo venceu as eleições e foi re-eleito em 1998, 2001 e 2004. Durante esse tempo, muitas reformas foram postas em prática, tanto nos sistemas de impostos como nas relações industriais. Em 2007, Kevin Rudd trouxe o partido dos trabalhadores novamente ao poder. Reformas no campo da saúde e na legislação trabalhista, investimentos em educação e atenção as mudanças climáticas

são as marcas do novo governo, conforme notas de imprensa apresentadas pelo departamento das relações exteriores e comércio.

2.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

A Austrália é o único continente ocupado inteiramente por uma só nação. Está localizada no hemisfério sul, ao sudoeste da Ásia, e encontra-se entre os oceanos Pacífico e Índico. A Austrália, incluindo a ilha da Tasmânia, cobre uma área de aproximadamente 7,7 milhões de quilômetros quadrados. Sua área tropical abrange aproximadamente 40% do país. A Austrália estende-se por 3.700 quilômetros de norte a sul e 4.000 quilômetros de leste a oeste. A capital é Camberra com uma população de aproximadamente 320 mil habitantes (ATLAS MUNDIAL, 2007).

Figura 1 – Mapa da Austrália por estados



Fonte: Atlas Mundial

O número de habitantes da Austrália em 30 de junho de 2002 era, aproximadamente, de 19,7 milhões de habitantes. Segundo o Departamento de Estatísticas Australiano (*Australian Bureau of Statistics*), o número de habitantes está projetado para 22,5 milhões até o ano 2010. A Austrália possui uma população relativamente pequena em relação as suas dimensões territoriais.

Na tabela 1 podemos notar que o número de habitantes do sexo masculino é inferior em relação aos do sexo feminino em todos os períodos analisados.

Tabela 1 - População Total da Austrália, por sexo, em número de habitantes – 2002 – 2007

	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Homens	9.562.299	9.691.689	9.811.447	9.933.853	10.055.192	10.203.169
Mulheres	9.710.345	9.842.283	9.959.516	10.078.029	10.196.940	10.340.895
Total	19.272.644	19.533.972	19.770.963	20.011.882	20.252.132	20.544.064

Fonte: Australian Bureau of Statistics

Na tabela abaixo é apresentada a taxa de crescimento da população para o mesmo período.

Tabela 2 - População Total e Taxa de Crescimento da População Australiana, em % - 2002-2007

Anos	População Total	%
2002	19.651.438	-
2003	19.895.435	1,24
2004	20.127.363	1,16
2005	20.394.791	1,32
2006	20.697.880	1,48
2007	21.015.042	1,53

Fonte: Australian Bureau of Statistics

De acordo com a tabela 2, a população australiana cresceu numa média de 1,34% durante o período analisado. O rompimento dos 21 milhões de habitantes foi um marco muito comemorado por parte da comunidade australiana no final do ano de 2007, houve muita divulgação na mídia e intensas celebrações durante o dia do acontecimento. O único ano em que houve uma redução na taxa de crescimento da população foi em 2004, quando a população cresceu sob uma taxa de 1,16%, inferior a registrada em 2003, que foi de 1,24%.

2.3 ORGANIZAÇÕES E ACORDOS INTERNACIONAIS

A Austrália é membro das Nações Unidas desde o seu estabelecimento em 1945. Desde então a conduta das relações exteriores australianas tem seguido os princípios e objetivos das Nações Unidas, entre eles: manter a paz mundial, zelar pela segurança internacional, desenvolver

relações amigáveis entre nações e buscar a cooperação global (UNITED NATIONS, 2008).

Além das Nações Unidas a Austrália faz parte dos seguintes acordos internacionais:

- Organização Mundial de Comércio – OMC
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE
- Fundo Monetário Internacional – FMI
- Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD
- Organização Mundial de Saúde – OMS
- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO
- Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD

Na região asiática, a Austrália é membro das seguintes organizações:

- APEC - Grupo de Cooperação Econômica da Região Pacífico-Asiática
- ADB - Banco Asiático de Desenvolvimento
- ANZCERTA - Acordo Comercial da Austrália e Nova Zelândia para Aproximação de Relações Econômicas
- Fórum do Pacífico Sul

De acordo com o autor Macintyre (2004), a Austrália é membro do *Commonwealth Group of Countries*, também conhecido como Comunidade Britânica. Além disso, o país participa de vários acordos e tratados internacionais, que abrangem uma grande variedade de assuntos. Esses acordos e tratados podem ser globais, multilaterais ou bilaterais, dependendo da natureza do assunto. Conforme o Departamento de Relações Exteriores e

Comércio, a Austrália participa do tratamento de assuntos como armamento químico, desarmamento e controle de armas, assim como a proteção da Antártica e do meio-ambiente com outras nações.

A Austrália, como o Brasil, é um dos participantes do “*Group of Cairns*”, uma aliança entre 19 países que representam 25% das exportações mundiais de produtos agrícolas. O Grupo de Cairns é composto por países desenvolvidos e em desenvolvimento que buscam o livre comércio no setor agrícola para obter o desenvolvimento sustentável na economia mundial. De acordo com o Silva (2002):

“... o Grupo de Cairns é uma aliança que traz países desenvolvidos e em desenvolvimento das Américas, África, Ásia e da região do Pacífico, sendo uma voz influente no debate da reforma agrícola desde sua formação em 1986.”
(Valquíria Silva, 2002, p. 1)

Na tabela abaixo é apresentada a relação dos países membros do Grupo de Cairns:

Tabela 3 – Países membros do Grupo de Cairns

Países membros do Grupo de Cairns	
África do Sul	Guatemala
Argentina	Indonésia
Austrália	Malásia
Bolívia	Nova Zelândia
Brasil	Paquistão
Canadá	Paraguai
Chile	Peru
Colômbia	Tailândia
Costa Rica	Uruguai
Filipinas	

Fonte: Departamento de Relações Exteriores e Comércio

Sobre o Grupo de Cairns, a autora Silva (2002) destaca o forte papel na defesa do livre comércio agrícola:

“Desde a sua criação, conforme consta na declaração da primeira reunião ministerial realizada na Austrália expressou-se a firme defesa de um programa de liberalização de mercado, que deveria incluir a redução substancial do emprego de subsídios agrícolas internos e externos, a remoção de barreiras que dificultavam o acesso aos mercados e a eliminação, dentro de um período acordado, dos subsídios que afetavam o mercado agrícola internacional.” (Valquíria da Silva, 2002, p. 1)

Segundo Silva, durante a segunda reunião ministerial realizada no Canadá em maio de 1987, os ministros expressaram os notáveis ganhos obtidos na reunião ministerial do GATT em Punta del Este em setembro de 1986, resultantes do papel crucial desempenhado pelo Grupo para colocar pela primeira vez a agricultura no centro da fase de negociações multilaterais então em curso. Além disso, os ministros propuseram uma série de objetivos básicos para o sucesso das futuras negociações em Genebra, como destaca a autora:

“... para o êxito das negociações que se desenvolveriam em Genebra em 1988, seria necessário perseguir os seguintes objetivos básicos: a) inclusão de todas as medidas que afastassem negativamente o comércio agrícola; b) rápida e substancial redução nos níveis de apoio para a agricultura que distorcem o mercado internacional; c) estabelecimento de novas regras ou disciplinas no GATT para assegurar a liberalização do comércio agrícola; d) acordo sobre medidas específicas para reduzir as barreiras de acesso; e) redução de subsídios e todas as outras medidas que tem efeitos negativos sobre o comércio agrícola mundial; f) tratamento diferencial e mais favorável aos países em desenvolvimento.” (Valquíria da Silva, 2002, p. 2)

No ano de 2000, através da vigésima primeira reunião ministerial, o Grupo de Cairns destacou que, segundo Silva, o mercado mundial

permanecia altamente distorcido pela manutenção dos subsídios à exportação, altos níveis de apoio doméstico e severas restrições para o acesso aos mercados (através do emprego de medidas tarifárias, sanitárias e fitossanitárias e outras não-tarifárias).

Os esforços na defesa de um comércio agrícola mais livre e justo foram evidenciados em futuras reuniões ministeriais nos anos seguintes, onde as pautas sempre estiveram em torno dos subsídios à exportação e acesso aos mercados. Silva também destaca a importância em atender os países em desenvolvimento:

“O Grupo entende que o acesso ao mercado num mundo livre dos subsídios é essencial para promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza nos países em desenvolvimento.” (Valquíria da Silva, 2002, p. 7)

Em dezembro de 2005, a reunião ministerial foi presidida em Hong Kong onde foi abordado o avanço na reforma agrícola, como parte da conclusão da Rodada de Doha, onde foi estabelecido o compromisso da eliminação dos subsídios à exportação até o fim de 2013. As negociações foram suspensas em julho de 2006 após uma tentativa de seis peças chave (Austrália, Estados Unidos, União Européia, Brasil, Índia e Japão) em quebrar o impasse numa série de questões técnicas. As negociações foram retomadas em setembro durante a reunião ministerial em Cairns na Austrália onde o grupo concordou em estabelecer condições para obter sucesso na conclusão das negociações.

Na última reunião ministerial foi realizada em Bali, Indonésia em 9 de junho de 2009, os ministros reconheceram que houve certo progresso nas negociações, mas que ainda não foi o suficiente para assegurar os objetivos de longo prazo do Grupo de Cairns como melhorias substanciais no acesso aos mercados, eliminação de todas as formas de subsídios à exportação e redução nos níveis do apoio doméstico.

3 A ECONOMIA DA AUSTRÁLIA

“Australia is a stable, independent and welcoming nation, with an open and prosperous economy, and a pluralistic and democratic society - in fact one of the world's oldest continuous democracies. It was one of the first countries to grant women the right to vote - in 1894 in South Australia. And Australia has long been a heaven for people escaping from violence and oppression in their own lands. So it's rightly recognized throughout the world as a country of freedom.”

Alexander Downer⁴

A Austrália é uma economia pequena e aberta baseada nos recursos naturais, tendo como diferença dos países latino-americanos o alto nível de ingresso de capitais e o baixo índice de desigualdade, participando, assim, do seletivo grupo das economias mais desenvolvidas do mundo (MOGUILLANSKY, 2006). O continente australiano caracteriza-se por possuir grande quantidade de recursos minerais, assim como por ter mão de obra qualificada e criativa.

⁴ Ministro das Relações Exteriores da Austrália em 2006 em discurso para COALAR – Council on Australia – Latin America Relations Business Seminar. Disponível em: http://www.foreignminister.gov.au/speeches/2006/060606_coalar.html.

Para Mclean (2001), a Austrália é um dos poucos exemplos de economia que manteve um padrão de vida tão próximo dos mais altos níveis por mais de 150 anos. A elevada renda per capita australiana tem sido mantida, em grande parte, pela exploração dos abundantes recursos naturais disponíveis.

De acordo com a tabela 4, os principais setores da economia australiana são ligados aos serviços imobiliários e comerciais, à indústria de transformação e à mineração.

Tabela 4 – Representatividade dos principais setores da economia australiana no PIB total, em % – 2002-2007

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Agricultura, silvicultura e pesca	3,01	2,23	2,75	2,78	2,78	2,21
Mineração	8,33	8,05	7,48	7,61	7,47	7,79
Indústria de transformação	11,07	11,11	10,78	10,36	10,01	9,88
Eletricidade, gás e água	2,39	2,34	2,27	2,22	2,18	2,09
Construção Civil	5,48	6,18	6,34	6,46	6,79	6,92
Comércio de Atacado	4,49	4,55	4,59	4,62	4,61	4,55
Comércio de Varejo	5,25	5,33	5,39	5,47	5,36	5,39
Hospedagem, cafés e restaurantes	1,94	1,94	1,94	1,98	1,98	1,96
Transporte e Armazenagem	4,26	4,42	4,42	4,53	4,52	4,63
Comunicação	2,01	2,11	2,13	2,14	2,23	2,35
Finanças e Seguro	6,71	6,64	6,73	6,81	6,96	7,32
Serviços Imobiliários e comerciais	12,28	12,30	12,26	12,05	12,04	11,94
Administração pública e defesa	4,10	3,92	3,83	3,86	3,82	3,89
Educação	4,52	4,45	4,33	4,26	4,19	4,12
Saúde e serviços comunitários	5,70	5,76	5,77	5,83	5,95	5,90
Serviços culturais e lazer	1,38	1,39	1,41	1,45	1,45	1,49
Serviços pessoais e outros	1,89	1,87	1,82	1,80	1,81	1,83
Casa própria	7,56	7,62	7,63	7,73	7,79	7,79
Outros	7,64	7,79	8,14	8,04	8,06	7,95
TOTAL PIB	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

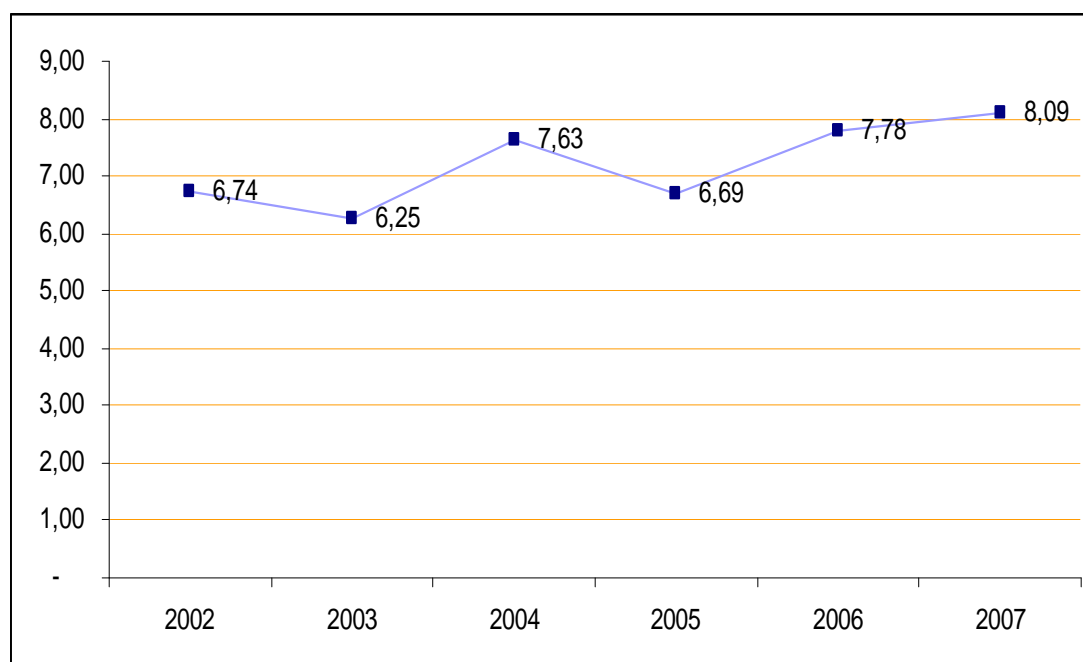
Fonte: Australian Bureau of Statistics

O setor de construção civil também é um importante componente da economia respondendo por, aproximadamente, 7% do PIB australiano no ano de 2007. Setores primários como a agricultura, silvicultura e pesca foram perdendo espaço com o passar dos anos para áreas como finanças e seguro e o comércio, seja atacado ou varejo.

De acordo com o Departamento Australiano de Estatísticas, apenas dois setores não apresentaram crescimento durante o período analisado, o conjunto agricultura, silvicultura e pesca, e o conjunto eletricidade, gás e água. No primeiro conjunto houve uma redução de 17,7% de 2006 para 2007, enquanto no segundo conjunto a redução foi de 1,2%, aproximadamente.

O PIB australiano em 2002 foi de aproximadamente AUD\$ 735.714 milhões gerando um crescimento de 6,74% em relação ao ano anterior, enquanto o PIB em 2007 atingiu AUD\$ 1.045.674 milhões acarretando num crescimento de 8,09% em relação a 2006 e surpreendentes 42,13% em relação a 2002. Através do gráfico abaixo é possível visualizar a trajetória de crescimento do PIB.

Figura 1 – Crescimento do PIB australiano em % - 2002 - 2007



Fonte: Australian Bureau of Statistics

A Austrália tem uma população relativamente pequena em relação às suas dimensões territoriais. No entanto, per capita, a produção é consideravelmente alta. Conforme o Departamento Australiano de Estatística, o PIB per capita da Austrália em 2002 foi de US\$ 39 mil enquanto que em 2007, a cifra atingiu os US\$ 43 mil.

Tabela 5 – PIB Per Capita da Austrália no período de 2002 e 2007, em US\$ milhões

	2002	2007
População Total	19.651.438	21.015.042
PIB Total	774.946	909.736
PIB Per Capita	39.435	43.290

Fonte: Australian Bureau of Statistics

Com um crescimento no PIB Total de 17,39% e um crescimento populacional de 6,94% é possível afirmar que o aumento da produção foi superior ao aumento populacional, fazendo com que o PIB per capita atingisse um crescimento de 9,77% de 2002 para 2007 demonstrando uma alta na produtividade.

O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para as diversas nações mundiais. O IDH da Austrália é considerado muito elevado⁵ ocupando a segunda posição no ranking das nações no ano base de 2007.

⁵ O IDH varia de zero até um, sendo os países classificados deste modo:

- (a) Se IDH de um país está entre 0 e 0,499 é considerado baixo – país de desenvolvimento baixo.
- (b) Se IDH de um país está entre 0,500 e 0,799 é considerado médio – país de desenvolvimento médio.
- (c) Se IDH de um país está entre 0,800 e 0,899 é considerado elevado – país de desenvolvimento alto.
- (d) Se IDH de um país está entre 0,900 e 1 é considerado muito elevado – país de desenvolvimento muito alto.

Tabela 6 – Índice de Desenvolvimento Humano de 2007

Ordem do IDH	IDH valores	Esperança média de vida à nascença (anos)	Índice de educação	PIB per capita (PPC em US\$)
1. Noruega	0,971	80,5	0,989	53.433
2. Austrália	0,970	81,4	0,993	34.923
3. Islândia	0,969	81,7	0,980	35.742
4. Canadá	0,966	80,6	0,991	35.812
5. Irlanda	0,965	79,7	0,985	44.613
75. Brasil	0,813	72,2	0,891	9.567

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2009, PNUD.

3.1 POLÍTICA EXTERNA

A política externa da Austrália promove uma prosperidade segura e de longo prazo para o país no contexto internacional. Segundo o Departamento de Relações Exteriores e Comércio da Austrália existem três pilares de compromisso internacional: participação ativa nas instituições de governança global, incluindo as Nações Unidas e a Organização Mundial de Comércio; fortalecimento das relações com os Estados Unidos e o engajamento diplomático e econômico na dinâmica e diversificada região Ásia-Pacífico.

A Austrália sempre encontrou dificuldades para se tornar parte integrante da “vizinhança” do sudeste asiático. A base racial europeia da sua população, assim como suas tradições culturais ocidentais, a diferenciavam dos outros países da região (LAMARCA, 2003). A autora ainda destaca:

“Desde a sua independência do Reino Unido, a Austrália vive o desafio constante de conciliar as suas origens ocidentais (anglo-saxãs) com a sua posição geográfica na Ásia, de modo a tentar garantir da melhor forma possível a sua segurança nacional. Durante os primeiros setenta anos do século XX, a Austrália buscou negociar esse dilema a partir de relações amigáveis com as maiores potências ocidentais mundiais. Camberra acreditava que essas nações garantiriam os seus interesses de segurança na região.”
(Cláudia Lamarca, 2003, p. 46-47)

De acordo com o Departamento das Relações Exteriores e Comércio (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002), os principais objetivos da política externa australiana são:

- Reduzir o risco de atentados terroristas, da proliferação de armas com poder de destruição em massa, tráfico de drogas e lavagem de dinheiro;
- Contribuir para uma eficiente resposta para as mudanças climáticas e a pobreza mundial;
- Criar oportunidades de acesso a novos mercados das exportações de produtos e serviços australianas;
- Prover os cidadãos australianos com serviços consulares de alta qualidade, inclusive em momentos de crises;
- Projetar uma imagem positiva da Austrália como uma sociedade tolerante, aberta, justa, igualitária e atraente como parceira internacional nas áreas da educação, pesquisa e inovação.

O compromisso da Austrália em dar suporte às Nações Unidas e a outras organizações multilaterais em questões como mudanças climáticas, perdas de biodiversidade, abusos dos direitos humanos, terrorismo e o crime é notável. Ratificando o Protocolo de Kyoto em 2007, a Austrália demonstrou

sua intenção em contribuir para solucionar um dos maiores desafios da atualidade – o aquecimento global (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002).

A Austrália possui fortes relações econômicas, políticas, sociais e culturais com os Estados Unidos e Canadá. Com relação à Europa, a Austrália está construindo uma parceria para lidar com assuntos climáticos, comércio internacional, segurança e o desenvolvimento do país. A Austrália é favorável ao processo de paz no Oriente Médio, região onde tem demonstrado interesse em investir futuramente conforme análise elaborada pelo Departamento de Relações Exteriores e Comércio da Austrália.

3.2 COMÉRCIO INTERNACIONAL

A Austrália, por ser um continente-ilha, depende do comércio internacional, que é responsável por uma grande parcela de suas atividades econômicas. Isso faz com que o país seja um membro ativo do comércio mundial, participando nas deliberações dos principais fóruns internacionais.

Para Mclean (2001), uma importante observação sobre a distância e a economia australiana é que no século XIX uma rentável e próspera sociedade foi criada através de uma produção especializada em atender os mercados do outro lado do mundo. A lã (a partir de 1820) e o ouro (a partir de 1850) representavam as exportações dominantes até 1890 com destino à Inglaterra.

Com relação às exportações de produtos australianos para as Américas no ano de 2007, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar com uma quantia superior aos 10 bilhões de dólares australianos, seguidos pelo Canadá com 1,8 bilhões, Brasil com 868 milhões e México com 665 milhões.

A tabela abaixo apresenta o total das exportações de produtos australianos para as Américas e o quanto que cada uma representa no total das exportações australianas para o resto do mundo.

Tabela 7 – Exportações Australianas para as Américas, em US\$ Milhões – 2005-2007

	2005	2006	2007	% Total das Américas (2007)
América do Norte	9.615	10.232	10.276	83,8
Canadá	1.556	1.460	1.558	12,7
Estados Unidos	8.060	8.771	8.718	71,1
América Central	775	800	701	5,7
Costa Rica	6	13	37	0,3
El Salvador	10	16	34	0,3
Guatemala	14	20	29	0,3
Honduras	5	7	11	0,1
México	726	736	579	4,7
América do Sul	1.159	1.299	1.178	9,6
Argentina	135	157	100	0,8
Brasil	749	776	755	6,2
Chile	160	203	174	1,4
Colômbia	17	28	25	0,2
Equador	4	7	7	0,1
Peru	60	81	73	0,6
Uruguai	10	16	17	0,1
Venezuela	17	19	16	0,1
Caribe	127	90	108	0,9
Cuba	7	5	12	0,1
Jamaica	19	28	28	0,2
Porto Rico	23	9	17	0,1
República Dominicana	5	7	8	0,1
Trindade Tobago	11	18	18	0,1
Total Américas	11.676	12.422	12.264	100,0
Total Exportações	120.996	142.462	146.451	-

Fonte: Australian Bureau of Statistics

Em contrapartida, as importações de produtos das Américas pela Austrália no ano de 2007 atingiram mais de 29 bilhões de dólares australianos. Novamente, os Estados Unidos é o país que a Austrália mais importa produtos sendo responsável por 81,2% do total das importações australianas. O Brasil é o quarto país que mais importa para a Austrália atrás de Canadá e México, segundo e terceiro, respectivamente.

De acordo com a Tabela 8, as importações de produtos brasileiros para o território australiano vêm crescendo gradativamente, ficando responsável por 3,1% sobre o total das importações. Importante destacar a participação do Chile nas importações australianas, ocupando a segunda posição dentro dos países da América do Sul com 1,2%. O grande responsável por este percentual é o cobre, mineral do qual o Chile é grande dependente.

Tabela 8 – Importações de produtos das Américas pela Austrália, em US\$ Milhões – 2005-2007

	2005	2006	2007	% Total das Américas (2007)
América do Norte	20.237	23.290	22.348	88,2
Canadá	1.621	1.915	1.771	7,0
Estados Unidos	18.616	21.375	20.576	81,2
América Central	779	982	1.064	4,2
Costa Rica	24	41	51	0,2
Guatemala	3	4	4	0,0
Honduras	9	10	10	0,0
México	737	914	984	3,9
Nicarágua	3	4	8	0,0
América do Sul	1.030	1.120	1.483	5,9
Argentina	180	146	226	0,9
Brasil	635	729	780	3,1
Chile	118	131	297	1,2
Colômbia	24	22	19	0,1
Equador	5	11	14	0,1
Peru	50	57	118	0,5
Uruguai	10	13	23	0,1
Venezuela	2	3	2	0,0
Caribe	284	320	448	1,8
Antilhas Holandesas	7	12	9	0,0
Cuba	3	8	8	0,0
Porto Rico	248	266	392	1,5
República Dominicana	10	17	19	0,1
Trindade Tobago	3	4	5	0,0
Total Américas	22.330	25.712	25.343	100,0
Total Exportações	135.482	153.194	163.408	-

Fonte: Australian Bureau of Statistics

Em relação ao total da atividade econômica, as exportações e as importações de produtos e serviços efetuadas pela Austrália, em 2007, foram responsáveis por 34% do PIB (16% em 1990), segundo dados do Departamento Australiano de Estatísticas.

Os principais parceiros comerciais da Austrália são o Japão, os Estados Unidos da América, a Nova Zelândia, a República da Coreia e a China. Em relação a grupos regionais, o principal mercado para a Austrália continua sendo a APEC.

A APEC – Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico é o grupo comercial mais importante para a Austrália, sendo responsável pela compra de 72% do total das exportações australianas no ano 2000-01, conforme dados da Organização Mundial de Comércio. A Austrália mantém comércio com um grande número de países, apesar de 50% do total comercial ser dividido entre os 6 principais parceiros comerciais: Japão, Estados Unidos, Nova Zelândia, República da Coreia, China e Reino Unido (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002).

4 AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E AUSTRÁLIA

“Trade has surged – increasing an incredible 40 per cent in 2005. Our trade with Brazil and Mexico makes up AUD\$ 3 billion of the AUD\$ 4 billion total, so these countries are dear priorities along with Chile, which is our largest investment destination.”

Alexander Downer

A crescente abertura dos países ao comércio internacional e o aumento dos fluxos comerciais tem atraído a atenção da literatura para identificar os determinantes da competitividade internacional e os determinantes do comércio entre países desenvolvidos e em desenvolvimento (ARBACHE et al, 2002).

De acordo com Arbache et al (2002), o aumento do comércio internacional nas últimas décadas tem levado a literatura a desenvolver-se para explicar os determinantes do comércio entre os países.

O Brasil é o parceiro diplomático mais antigo e maior parceiro comercial da Austrália na América do Sul. No entanto, o nível de comércio bilateral mantém-se relativamente baixo, representando uma porcentagem

comparativamente pequena em relação ao comércio internacional total de ambos os países e abrangendo uma variedade de produtos e serviços, em geral, restrita.

Em comparação com o resto do mundo, a Austrália ocupa posição intermediária em termos comerciais. De acordo com a Organização Mundial de Comércio – OMC, em 2007 a Austrália classificou-se em 19º lugar (Brasil em 16º lugar) em relação ao volume mundial de exportações de produtos, e em 14º lugar (Brasil em 19º lugar) em relação às importações. Em termo de exportação de serviços, a Austrália ocupou a 12º lugar (Brasil em 18º lugar), e manteve a mesma posição em relação à importação de serviços, enquanto o Brasil subiu para 15º lugar (OMC, 2008).

As reduções de barreiras de comércio, dos fretes e dos custos de comunicação contribuíram para a Austrália ser uma nação mais aberta e integrada na economia mundial, uma tendência que muitos outros países também desfrutaram (RESERVE BANK BULLETIN, 2002).

Mas, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC existem dificuldades para a intensificação do comércio entre os dois países, entre elas:

“Entre os vários fatores que influenciam negativamente o desenvolvimento do comércio bilateral, está a falta de transporte direto – particularmente aéreo – entre a Austrália e o Brasil. A distância física entre os dois países dificulta sobremaneira o desenvolvimento de suas relações econômicas.” (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002, p.26)

Na tabela abaixo são apresentados os montantes de exportação e importação brasileira com destino á Austrália e suas respectivas variações percentuais, tendo como base o ano de 2002, assim como o saldo comercial e o volume de comércio entre os dois países.

Tabela 9 – Intercâmbio comercial brasileiro, totais Brasil - Austrália, em US\$ Mil FOB – 2002-2007

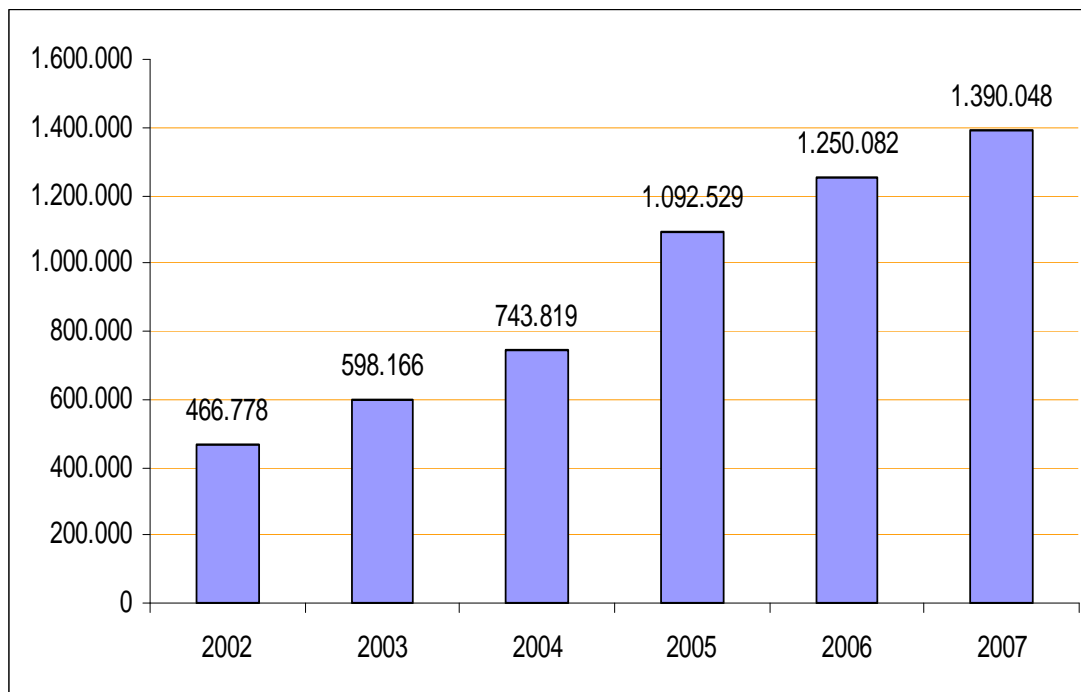
Ano	Exportação		Importação		Resultados	
	US\$ Mil FOB (A)	Var %	US\$ Mil FOB (B)	Var %	Saldo (A - B)	Comércio (A + B)
2002	254.191	-	212.587	-	41.604	466.778
2003	305.559	20,21	292.608	37,64	12.951	598.166
2004	370.159	21,14	373.660	27,70	-3.501	743.819
2005	464.230	25,41	628.299	68,15	-164.069	1.092.529
2006	512.235	10,34	737.847	17,44	-225.612	1.250.082
2007	614.174	19,90	775.874	5,15	-161.701	1.390.048

Fonte: SECEX/MDIC

O comércio entre os dois países tem sido crescente, resultado da intensificação das relações bilaterais entre Brasil e Austrália. Em 2007, o volume total de intercâmbio atingiu US\$ 1,3 bilhão, o que implica num aumento de quase 200% em relação ao volume de 2002. Outro fator de extrema relevância começa a ocorrer a partir de 2004, quando o volume de importações ultrapassa o volume de exportações, gerando déficits sucessivos no saldo comercial.

Na figura 2 é possível perceber que o intercâmbio comercial entre Brasil e Austrália, praticamente, triplicou seu volume entre 2002 e 2007, partindo de US\$ 467 milhões em 2002 e atingindo US\$ 1,3 bilhão em 2007.

Figura 2 – Evolução no volume de intercâmbio comercial brasileiro com a Austrália em US\$ Mil FOB – 2002-2007



Fonte: SECEX/MDIC

Segundo Hélio Marchi⁶, “o comércio internacional cresceu entre 7% e 8%, mais do que as trocas entre os dois países. Eu não defendo a exportação de produtos brasileiros para a Austrália, que pode ter apenas inserções pontuais. Não seremos competitivos com a produção do oriente, como China, Singapura ou Malásia.” (CÂMARA OFICIAL DE COMÉRCIO BRASIL-AUSTRÁLIA, 2007)

Sobre a composição do intercâmbio comercial entre Brasil e Austrália, o Ministério das Relações Exteriores destaca:

⁶ Presidente da Câmara Oficial de Comércio Brasil-Austrália.

“Existe um contraste marcante na pauta de comércio entre a Austrália e o Brasil. Enquanto que a maior parte das exportações brasileiras para a Austrália é composta de produtos manufaturados (por volta de 90%), as importações concentram-se, sobretudo, em matérias-primas, em especial o carvão mineral.” (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002, p.26)

Ainda sobre a composição do comércio, Marchi ressalta que entre os principais produtos exportados pelo Brasil estão o minério de ferro e petróleo, além de suco de frutas, fumo, calçados, papel, produtos químicos e autopeças. Já entre os importados destacam-se o carvão mineral, componentes eletrônicos, equipamentos cirúrgicos e de telecomunicações, além da indústria automobilística⁷.

4.1 EXPORTAÇÕES

O Brasil foi classificado pela Austrália como um país em desenvolvimento, para fins de aplicação das disposições sobre tarifas aduaneiras australianas. Isso significa que o Brasil, juntamente com alguns países considerados como *em desenvolvimento*, tem direito a tarifas preferenciais para produtos exportados para a Austrália (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002).

Sobre restrições aos produtos importados pela Austrália, o Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002) defende a posição de que “não há restrições quanto à quantidade ou quotas aplicáveis aos produtos importados pela Austrália, porém há produtos sujeitos a licenças. Existem certos produtos que não podem ser importados, se a autorização correta não tiver sido obtida antes do início do processo de importação.”

⁷ Todas as grandes montadoras estão estabelecidas na Austrália, como Toyota, Nissan, GM, Ford e Renault, e Marchi acredita que uma agregação de valor na balança comercial entre os dois países possa advir de uma estratégia de importação de produtos automobilísticos.

A análise por produtos do comércio entre a Austrália e o Brasil no período de 2002 até 2007 demonstra que houve alteração nos principais itens da pauta de exportação do Brasil.

Tabela 10 – Exportações brasileiras para a Austrália, por grupo de produtos, em 2002 e 2007 (US\$ Mil)

Grupo de produtos	2002	2007	Var % (2002)	Var % (2007)
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc, mecânicos	19.080	83.698	9,22	13,63
Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	2.581	78.493	1,25	12,78
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes, etc.	12.885	41.262	6,23	6,72
Veículos, automóveis, tratores, etc, suas partes e acessórios	70.872	40.251	34,26	6,55
Ferro fundido, ferro e aço	6.123	33.394	2,96	5,44
Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc	16.169	29.235	7,82	4,76
Café, chá, mate e especiarias	4.825	21.167	2,33	3,45
Borracha e suas obras	10.501	19.319	5,08	3,15
Minérios, escórias e cinzas	4.164	18.522	2,01	3,02
Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	10.144	17.356	4,90	2,83
Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	13.394	13.704	6,47	2,23
Produtos químicos orgânicos	5.661	9.482	2,74	1,54
Peles, exceto a peleteria (peles com pelos), e couros	7.660	9.133	3,70	1,49
Plásticos e suas obras	2.200	8.151	1,06	1,33
Produtos diversos das indústrias químicas	6.975	8.112	3,37	1,32
SUBTOTAL	193.234	431.279	93,40	70,22
Demais grupos de produtos	13.645	182.895	6,60	29,78
TOTAL	206.879	614.174	100,00	100,00

Fonte: SECEX/MDIC

Enquanto no ano de 2002, os principais itens exportados eram veículos, automóveis, tratores, etc, suas partes e acessórios (34,26% do total), no ano 2007 o domínio foi dos reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc, mecânicos (13,63% do total), devido ao alto valor agregado.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, “o comércio de serviços entre Brasil e Austrália é de pouca monta, mera decorrência do pequeno volume de comércio de bens entre os dois países e do modesto trânsito de turistas, este, porém, vem aumentando significativamente com a ida de estudantes brasileiros a Austrália.”⁸

Tabela 11 – Exportação de serviços entre Brasil e Austrália, em US\$ milhões – 2005-2007

	2005	2006	2007	Var. % 2007/06
Exportação de serviços do Brasil (A)	14.860	17.950	22.500	25,35
Exportação de bens do Brasil (B)	118.530	137.810	160.650	16,57
Relação (A / B)	12,54	13,03	14,01	
Exportação de serviços da Austrália (A)	30.380	32.440	39.660	22,26
Exportação de bens da Austrália (B)	106.100	123.440	141.080	14,29
Relação (A / B)	28,63	26,28	28,11	
Fonte: OMC				

A partir da tabela 11, nota-se que a relação entre a exportação de serviços da Austrália e a exportação de bens do mesmo país é superior a registrada no Brasil nos três anos analisados. De 2006 para 2007, houve crescimento de 25,35% na exportação de serviços no Brasil, ao passo que, a Austrália cresceu 22,26%.

⁸ MDIC. **Oportunidades de negócios em serviços com a Austrália**. Secretaria de Comércio e Serviços, 2007, p. 7

4.2 IMPORTAÇÕES

A Austrália vem sendo uma grande importadora de ampla variedade de produtos manufaturados, juntamente com produtos derivados do petróleo e produtos petroquímicos. A tendência das importações australianas tem sido determinada pelas reduções nas tarifas, nos últimos 15 anos, e pela crescente especialização de várias indústrias dentro do setor de manufatura (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002).

Tabela 12 – Importações brasileiras provenientes da Austrália, por grupos de produtos, em 2002 e 2007 (US\$ Mil)

Grupos de produtos	2002	2007	Var. % (2002)	Var. % (2007)
Combustíveis minerais, óleos minerais, etc.	155.463	551.445	73,13	71,07
Produtos farmacêuticos	8.813	27.981	4,15	3,61
Peles, exceto a peleteria, e couros	8.626	8.384	4,06	1,08
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	6.268	26.702	2,95	3,44
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes, etc.	4.545	12.927	2,14	1,67
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	4.057	16.440	1,91	2,12
Ferro fundido, ferro e aço	3.994	11.455	1,88	1,48
Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	3.707	19.920	1,74	2,57
Produtos químicos orgânicos	2.613	3.973	1,23	0,51
Níquel e suas obras	2.385	4.604	1,12	0,59
Outros produtos de origem animal	1.377	2.822	0,65	0,36
Produtos diversos das indústrias químicas	1.303	1.485	0,61	0,19
Produtos químicos inorgânicos	1.071	40.662	0,50	5,24
Plásticos e suas obras	1.050	1.168	0,49	0,15
Cereais	930	218	0,44	0,03
SUBTOTAL	206.203	730.186	97,00	94,11
Demais grupos de produtos	6.384	45.689	3,00	5,89
TOTAL	212.587	775.874	100,00	100,00

Fonte: SECEX/MDIC

A tabela 12 apresenta os principais grupos de produtos importados pelo Brasil de origem australiana. O principal grupo engloba os combustíveis minerais, óleos minerais, etc. com participação superior a 71% sobre o total em 2007, leve redução comparada aos 73% registrados em 2002.

De 2002 para 2007 houve um aumento superior a 250% no volume importado de combustíveis minerais, óleos minerais, etc., dentro deste grupo estão o óleo bruto de petróleo e o carvão mineral (hulha) ⁹.

Tabela 13 – Importação de serviços entre Brasil e Austrália, em US\$ milhões – 2005-2007

	2005	2006	2007	Var. % 2007/06
Importação de serviços do Brasil (A)	22.410	27.150	33.630	23,87
Importação de bens do Brasil (B)	77.630	95.850	126.580	32,06
Relação (A / B)	28,87	28,33	26,57	
Importação de serviços da Austrália (A)	29.920	31.630	38.140	20,58
Importação de bens da Austrália (B)	125.280	139.250	165.330	18,73
Relação (A / B)	23,87	22,71	23,07	

Fonte: OMC

A tabela 13 destaca que a relação entre importação de serviços do Brasil e sua importação de bens decresceu gradativamente ao longo da série, embora o volume tenha aumentado 23,87% na importação de serviços de 2006 para 2007 e 32,06% na importação de bens do Brasil no mesmo período.

⁹ A hulha é um carvão mineral. Dependendo do teor de carbono, resultado do tempo de linhito, hulha e antracito, é denominado de hulha quando o teor de carbono está em torno de 80%.

4.3 INVESTIMENTOS BILATERAIS

O nível de investimento de companhias brasileiras na Austrália é relativamente modesto. Em 2002, “as únicas companhias brasileiras que atualmente contam com um investimento importante na Austrália são a WEG Australia Pty Ltd, que estabeleceu uma sede em Noble Park, no estado de Victoria, e a EMBRAER, no mesmo estado”. (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002)

Recentemente, a Companhia Vale do Rio Doce realizou a compra da mineradora australiana AMCI Holdings por R\$1,38 bilhão. Com sede em Brisbane, a empresa controlava e operava minas de carvão por meio de participações em joint-ventures nos países. Com a compra da empresa australiana, a Vale afirma ter criado uma boa plataforma de crescimento de seu negócio de carvão¹⁰.

O nível agregado de investimentos da Austrália no Brasil é relativamente pequeno em comparação ao fluxo de investimentos no Brasil de países tais como os Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e o Japão. “Consequentemente, é difícil obter estatísticas recentes sobre o investimento agregado da Austrália no Brasil, ou sobre as tendências de investimento entre Austrália e o Brasil.” (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002)

Para o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MANUAL COMO EXPORTAR, 2002), “uma indicação da variedade e magnitude de alguns investimentos mais substanciais por companhias australianas na economia brasileira” pode ser apresentada da seguinte forma:

¹⁰ Notícia publicada no UOL Portal Economia na data de 26/02/2007. Acessado em: 14/11/2009 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/valor/2007/02/26/ult1913u65194.jhtm>

- (a) A BHP¹¹, uma das maiores companhias de recursos minerais da Austrália, tem um investimento substancial na Samarco¹², uma grande empresa de exploração de minério de ferro. A BHP também possui interesse na construção de oleodutos para gás natural e recursos semelhantes;
- (b) A M & O, na área de seguros marítimos;
- (c) A Austoft estabeleceu uma *joint-venture* no mercado de segadeiras de cana-de-açúcar.

¹¹ A empresa The Broken Hill Proprietary Company Pty Ltd. (doravante “BHP”) é uma holding, sem atividades operacionais, pertencente ao grupo anglo-australiano BHP Billiton, que desenvolve atividades nos setores de mineração, petróleo e gás em todo o mundo. O Grupo BHP Billiton é controlado pelas empresas BHP Billiton Ltd. E BHP Billiton Plc., cujos capitais sociais são pulverizados nas Bolsas de Valores de Melbourne, Austrália e Londres. No Brasil, o grupo BHP atua nos segmentos de bauxita, alumínio, carvão e minério de ferro.

¹² A Samarco Mineração S.A. é uma empresa com processo único de produção, que contempla lavra, beneficiamento, transporte, pelletização e exploração de minério de ferro. Fundada em 1977, ocupa hoje a segunda posição no mercado transoceânico de pelotas e comercializa 100% de seus produtos para mais de 15 países na Europa, Ásia, África, Oriente Médio e Américas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se concentrou na análise da economia da Austrália, através da apresentação dos seus principais componentes entre 2002 e 2007, com atenção especial ao comércio internacional entre Brasil e Austrália.

Com uma economia industrial sofisticada e bem desenvolvida, dotada especialmente de recursos minerais e agrícolas, a Austrália conta com uma mão-de-obra altamente qualificada e experiente, com excelente potencial de trabalho em vários campos de atividade.

Ao analisar a balança comercial total entre Austrália e o Brasil nota-se dois aspectos relevantes. Em primeiro lugar, com exceção do comércio de produtos, a magnitude do comércio de serviços e de capital é relativamente pequena. Em segundo lugar, o comércio de serviços ocupa uma porcentagem mínima do comércio bilateral. Consequentemente, existem oportunidades para crescimento nos vários setores do comércio de serviços entre a Austrália e o Brasil.

A Austrália tem algumas semelhanças com o Brasil: ambos são países de grandes dimensões, dotados de abundantes recursos minerais e agrícolas, possuem ampla variedade de condições climáticas. Entretanto, existem certas diferenças marcantes: número de habitantes, tamanho de mercado e a distribuição de renda.

Apesar destas diferenças, as semelhanças entre os dois países sugerem que ambos se beneficiariam caso houvesse maior intercâmbio de turistas e empresários, estimulando assim, um conhecimento mútuo mais profundo, e por fim, levando a um estreitamento dos laços comerciais entre Brasil e Austrália.

O presente trabalho permite concluir que um fator essencial para o incremento do fluxo de comércio entre o Brasil e a Austrália é a questão de transporte e logística. Não existindo vôos diretos entre os dois países e o Brasil estando afastado das rotas oceânicas que ligam a Austrália com a Europa e à costa leste dos Estados Unidos, há um ciclo vicioso em que o comércio de bens e serviços entre os dois países não se intensifica pela falta de transporte e não há transporte por que o volume de cargas e o número de passageiros são pequenos. Essa é uma questão a ser considerada pelo governo e empresariado brasileiro não só em relação à Austrália, mas também em relação a vários outros países aos quais os esforços de intensificação das trocas comerciais esbarram no problema de transporte e logística.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, P.; MADDEN, J. & HORRIDGE, J. M. **Drought, Regions and The Australian Economy between 2001-02 and 2004-05**. Disponível em: <<http://www.monash.edu.au/policy/ftp/workpapr/g-135.pdf>> Acesso em: 10 set. 2009.

ARBACHE, J. S. & DE NEGRI, J. A. **Determinantes das exportações brasileiras: Novas evidências**. XXX Encontro Nacional de Economia ANPEC, 2002.

ATLAS MUNDIAL. Editora Melhoramentos: São Paulo, 2008.

AUSTRALIAN GOVERNMENT. **Australian Trade Comission – Austrade**. Disponível em: <<http://www.austrade.gov.au>> Acesso em: 1 de out. 2009.

AUSTRALIAN GOVERNMENT. **Department of Immigration and Citizenship**. Disponível em: <<http://www.immi.gov.au>> Acesso em: 14 de nov. 2009

AUSTRALIA. **Department of Foreign Affairs and Trade**. Australia in brief: The land and its people. Disponível em: <<http://www.dfat.gov.au>> Acesso em: 2 de out. 2009.

BAUMANN, R. GONÇALVES, R. PRADO, L. C. & CANUTO, O. **Economia Internacional: Uma perspectiva Brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

BENECKE, D.W., NASCIMENTO, R. & FENDT, R. **Brasil: Na Arquitetura Comercial Global**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2003.

BHATTACHARYYA, S.; DOWRICK, S. & GOLLEY, J. **Institutions and Trade: Competitors or complements in economic development**. Disponível em: <<http://rspas.anu.edu.au/economics/publications.php>> Acesso em: 10 de set. 2009.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Brazil Trade Net**. Coleção Estudos e Documentos de Comércio Exterior. Série: Manual Como Exportar para Austrália, 2002. Disponível em: <<http://www.braziltradenet.gov.br>> Acesso em: 1 de out. 2009.

BRASIL. Ministério Do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Oportunidades de negócios em serviços com a Austrália**. Secretaria de Comércio e Serviços, 2007. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>> Acesso em: 28 de out. 2009

BREUNIG, R. V. **A richer understanding of Australia's productivity performance in the 1990s: Improved estimates based upon firm-level panel data**. Discussion Paper no. 545, 2007. Disponível em: <<http://econpapers.repec.org/paper/auudpaper1545.htm>>. Acesso em: 02 out. 2009.

CÂMARA OFICIAL DE COMÉRCIO BRASIL-AUSTRÁLIA. **Comércio entre Brasil e Austrália cresce 5% no semestre** Disponível em: <<http://www.australia.org.br>> Acesso em: 13 de ago. 2009.

CAMDESSUS, M. **Australia and Asia in the Global Economy**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/speeches/1998/050598.htm>> Acesso em: 28 de set. 2009.

INTERNACIONAL MONETARY FUND. **Regional Economic Disparities in Australia**. IMF Working Paper, 2004.

JUNIOR, B. & NOGUEIRA, P. **O Brasil e a Economia Internacional**. São Paulo: Campus, 2005.

KRUGMAN, P. R. & OBSTFELD, M. **Economia Internacional: Teoria e Política**. São Paulo: Makron Books, 2001.

LAMARCA, C. **A política externa australiana para o Timor Leste (1975-1999)**. PUC – RIO: Rio de Janeiro, 2003.

LOWE, P. **Introduction to the Australian Economy in the 1990s**. Disponível em: <<http://www.rba.gov.au/PublicationsAndResearch/Conferences/2000/Introduction.pdf>> Acesso em: 15 de set. 2009.

MACINTYRE, S. **A concise history of Australia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd edition, 2004.

MAIA, J. M. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. São Paulo: Atlas, 2003.

MCLEAN, I. W. & TAYLOR, A. M. **Australian Growth: A California Perspective**. National Bureau of Economic Research: working paper 8408, 2001.

MOGUILLANSKY, G. **Australia y Nueva Zelandia: la innovación como eje de La competitividad**. Santiago de Chile: CEPAL, jun 2006. Série Comércio Internacional, número 72.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. **International trade statistics 2008**: World Trade developments in 2007. Disponível em: http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/its2008_e/its08_world_trade_dev_e.htm> Acesso em: 5 de nov. 2009.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Economic Survey of Australia – 2004**. Disponível em: <<http://www.oecd.org>> Acesso em: 13 de nov. 2009.

RESERVE BANK BULLETIN. **The Australian Economy: Then and Now**. Sydney: Reserve Bank of Australia, junho de 2008.

RESERVE BANK BULLETIN. **The Financial Cycle and Recent Developments in the Australian Financial System**. Sydney: Reserve Bank of Australia, agosto de 2008.

RESERVE BANK BULLETIN. **Trends in Australia's exports**. Sydney: Reserve Bank of Australia, abril de 2002.

RESERVE BANK OF AUSTRALIA. **The Australian Economy in 2007**. Sydney: Março de 2007.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A., 2000.

SCALES, B. **Competition Policy, Industry Policy and Desregulation of the Australian Economy**. Melbourne, 1995, vol. 25, ed. 1. Disponível em: <<http://www.eap-journal.com/download.php?file=285>> Acesso em: 1 de out. 2009.

SILVA, V. **O Grupo de Cairns e a defesa da liberalização do comércio agrícola mundial**. Instituto de Economia Agrícola: Publicado em: 12.12.2002
Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=108>>
Acesso em: 5 de out. 2009.

TASSARA, E. T. **O que você precisa para elaborar um trabalho científico?** Cientistas de Amanhã. Minas Gerais: Mar 2008. Disponível em:
<<http://cientistasdeamanha.com/cca7.htm>> Acesso em: 5 de set. 2009.

UNITED NATIONS. **Everything you always wanted to know about the UN**.
Department of Public Information: New York, 2008.

VASCONCELOS, E. **Ensaio em Economia Internacional**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<<http://virtualbib.fgv.br/dspace/handle/123456789/1734>> Acesso em: 12 de set. 2009.

WALSH, K. **The changing face of Australia: a century of immigration 1901 – 2000**. Sydney, 2001.